



Sem a vegetação protetora, as dunas enterraram Itaúnas.

Itaúnas — Um eterno dilema.

Marcos Mendes

Preservar ou progredir? Esse parece ser o dilema de Itaúnas. Depois de ser soterrada pelas dunas, num processo que durou cerca de 50 anos, a antiga vila deixou de existir. E mesmo a nova, assentada na década de 60, se vê agora ameaçada por outros fatores como grandes projetos industriais e o turismo, que vêm alterando os hábitos e costumes de uma gente simples, que tinha a terra como fator e fonte de subsistência.

A vida dos habitantes de Itaúnas vem sofrendo uma significativa alteração de seus valores sócio-culturais. Vera Lúcia Tâmara Ribeiro, bacharelada em Arquitetura pela Ufes, se propõe a um alerta, uma análise sobre o meio ambiente na região de Itaúnas. Essa reflexão é a base de seu trabalho de graduação, apresentado no último dia 13, onde um levantamento minucioso foi realizado, desde a fundação da antiga Vila de Itaúnas, no século XVI, até o aparecimento das dunas e fundação da nova vila, na década de 60.

Vera Lúcia não quer apontar soluções, ela discute o problema e constata os agentes formadores. Para isso foi realizado um levantamento arquitetônico relacionado com as transformações ocorridas, principalmente com a chegada dos agentes externos. A pesquisa da aluna da Arquitetura se baseou também no depoimento de antigos habitantes, o que acontece pela primeira vez.

A antiga Vila de Itaúnas foi fundada no século XVI, num sítio bastante rico: terrenos planos, terras férteis localizados entre o rio e o

mar e uma série de colinas arenosas cobertas pela restinga, além de árvores frutíferas, fatores que favoreceram a fixação do assentamento. Por sua localização, no litoral Norte do Espírito Santo, Itaúnas tornou-se um importante ponto de ligação entre o Sul da Bahia e o Norte do Estado, funcionando como entreposto comercial entre os dois estados e como centro de apoio para os jesuítas interessados na catequese dos índios que habitavam a região. Itaúnas vem do Tupi e significa pedra pretas, que eram encontradas em abundância no leito do rio.

SUBSISTÊNCIA

Através da coleta e estudo de dados, Vera Lúcia Tâmara Ribeiro concluiu que a região de Itaúnas e adjacências comportava um grande número de pequenas propriedades, variando entre 40 a 100 hectares. Nessas propriedades, a maioria dos habitantes da antiga vila praticava a agricultura de subsistência: a abóbora, laranja, café, aipim, melancia, cana e banana-da-terra.

A mandioca era o principal produto da região, e se destinava a produção de farinha. Segundo Vera Lúcia, a produção de farinha chegava a 15 mil sacas anuais e era comercializada nos armazéns, principalmente por meio de troca. Os armazéns funcionavam também como entrepostos de distribuição e, dessa forma, aliadas às condições físicas favoráveis, as atividades envolvendo a farinha, foram os primeiros condicionantes para o fomento econômico de Itaúnas. Paralelamente às atividades

comerciais, Itaúnas tinha seus momentos de lazer e alegria. Pela pesquisa de Vera Lúcia ficou constatado que as comemorações dos dias 19 e 20 de janeiro, que festejavam, respectivamente, *São Benedito* — o santo do pretos — e *São Sebastião*, o santo dos brancos e padroeiro local, se constituíam nos momentos de maior movimentação. Eram rezadas missas, feitas procissões e encenadas brincadeiras. Na festa de São Sebastião a diversão era o *Alardo*, encenação de luta entre mouros e cristãos. Na festa de São Benedito tinha a Congada, também chamada Ticumbi.

Reis-de-Boi, festas juninas e bailes eram as demais festas, onde a população se interagiu e solidificava suas tradições.

Protegida por seu isolamento, Itaúnas persistia com sua rotina, até surgir a primeira investida da abertura da economia local ao capital externo, ampliando as atividades madeireiras da região, inicialmente por empreiteiros, e depois através da Companhia Industrial de Madeira da Barra.

Através do trabalho de Vera Lúcia, pode-se constatar que, a partir da década de 30, logo após a exploração madeireira, o processo de soterramento da vila se caracteriza.

DISPERSÃO

Com o soterramento, muitos dos moradores de Itaúnas se dispersaram por cidades vizinhas, e os poucos que ficaram, foram instalados na margem direita do rio. Um novo assentamento foi criado, no início da década de 60. O acréscimo populacional, durante os anos

seguintes, foi lento e deveu-se basicamente à vinda de imigrantes da Bahia.

“A partir da década de 70, passou a existir um aumento gradativo da população. Contribuíram o aumento dos investimentos na região com o surgimento de empresas de grande capital; a transformação da população em bóias-frias e assalariados, o desaparecimento das pequenas propriedades. Mais recentemente, a própria condição favorável do seu sítio estimulou o surgimento de um movimento turístico crescente e determinante na inserção da população no substrato cultural trazido pela nova dinâmica imposta”, esclarece Vera Lúcia.

A relação terra-habitantes é alterada com a instalação de grandes empresas como a Aracruz Celulose S/A, Acesita Energética, que além da concentração de grandes quantidades de terras, provocou uma interferência nas relações sociais dos habitantes. Além do incremento turístico, outro fator de desequilíbrio fundiário foi a implantação do projeto Pró-Alcool, em 1982.

Pela pesquisa e análise de Vera Lúcia, a nova dinâmica imposta pelas atividades externas impuseram mudanças significativas no lugar. “Há dez anos, a situação da vila era outra. Itaúnas ficava quase que isolada dada à precariedade do acesso. Isso favorecia a manifestação das tradições culturais.

Tombado pelo Conselho Estadual de Cultura, a área das dunas é considerada um sítio arqueológico de grande importância dentro do contexto pré-histórico do Espírito

Santo. Atualmente existe a proposta de criação de um parque estadual na região, com a finalidade de tornar efetiva a manutenção do ecossistema do sítio. Essa iniciativa da Associação Capixaba de Proteção do Meio Ambiente — ACAPEMA — abrange as áreas das dunas, da vegetação de restinga, da região de alagados e da vila. Vera afirma que “diante do caráter irreversível do processo de crescimento do Espírito Santo, surge a questão da preservação dos valores locais. Os preservacionistas diferem em seus instrumentos de ação e em suas interpretações do que seja preservável. Quando se fala em preservar, há que se questionar a verdadeira natureza desses valores, porque a própria preservação refere-se à existência de diferentes visões de uma mesma realidade. Também quando se fala de preservação de valores ligados a um determinado contexto cultural, resta saber quais são esses valores que conformam a identidade da sociedade local. Esse paradoxo induz à formulação de uma importante questão: preservar o que? E para quem?”

Ao fim do trabalho, Vera constata um novo uso do solo, uma nova forma de expulsão dos moradores: — a metade dos lotes pertencem a proprietários residentes fora da vila. Essa segunda expulsão se caracteriza por uma crescente migração dos moradores de menores recursos. O primeiro processo foi pela interferência dos agentes naturais, através da ação predatória do homem — o desmatamento, a queimada. Agora resta saber a quem a preservação do patrimônio deve ser útil.